

CLIPPING SOLETIVO

Em cartaz no Estoril, na Praia de Iracema, o Coletivo Soul leva à cena uma versão de Hamlet que goza do teatro, mesclando fluxos de vida dos atores ao clássico shakespeariano

www.coletivosoul.com

Fortaleza - CE - BRASIL

COLETIVO SOUL

Hamlet: solo
marca a estreia de espetáculos de teatro no Estoril, na Praia de Iracema

Cadernos

HAMLET: SOLO

Artistas do Coletivo Soul estão de volta

Frases do "poema ilimitado"

Hamlet, o mito: eis a questão

01/07/2009

Diário do Nordeste/Caderno 3

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/hamlet-o-mito-eis-a-questao-1.261674>

Mais do que uma simples peça teatral que se propõe a fazer uma releitura de Hamlet, “Rãmlet Soul” entra em cartaz neste mês de julho, com estréia nesta quarta, para recapturar o mito do emblemático personagem de Shakespeare. A partir da junção do texto original do bardo inglês e do texto de Heiner Müller, “Hamlet Máquina”, um coletivo de artistas se junta para propor um passo adiante em relação à trajetória do mito do personagem, buscando atualizá-lo para os novos tempos.

“Rãmlet Soul” é uma tentativa de atualização de Hamlet. Estamos interessados no sentido original do personagem, mas procuramos trazê-lo para os dias de hoje, dando um frescor ao Hamlet de 400 anos atrás”, afirma Thiago Arrais, diretor geral do espetáculo. “A idéia da peça surgiu antes mesmo do texto [do dramaturgo Poty Alencar]. A dramaturgia surgiu a partir de uma série de ensaios e encontros”.

Interação

Ensaaios que deram à peça um sentido festivo e com uma série de referências que nasceram da junção de diferentes linguagens: teatro, música, audiovisual, artes plásticas etc. “No espetáculo, temos atores e não-atores e três bandas se dividindo no palco. Daí a peça ser encenada em uma casa de show e não em um teatro”, conta Thiago.

Apresentando uma característica interativa, a peça traz uma linha narrativa que só funciona a partir da participação do público. “A construção do sentido da peça só se completa juntamente com o público, elemento de conclusão da peça”, acredita o diretor. Mesclando um aspecto idealista, romântico e visionário do Hamlet de Shakespeare e um outro mais negativo, “de um Hamlet que desistiu e pendurou as chuteiras”, “Rãmlet Soul” tem curta temporada todas as quintas e sextas do mês de julho.



Teatro-rave e a provocação

01/07/2009

Jornal O Povo/Vida & Arte (Angélica Feitosa)

<http://www.oktiva.net/oktiva.net/1209/nota/158378>

A ideia é, na verdade, uma provocação. O teatro-rave de Râmlet Soul propõe um outro caminho do teatro: ele transforma-se numa enorme confraternização. Duas bandas de música, Renegados e SambaHempClube, dividem espaço com atores, artistas visuais e audiovisuais. Festa e encenação acontecem ao mesmo tempo. O domínio e controle do espetáculo, portanto, podem ficar fluidos. Mas se o objetivo é o inalcançável, ou seja, alcançar a vida, isso também é bem-vindo.

“O teatro-rave é a respiração democrática do corpo da cidade. É a capacidade da multidão - indivíduos, instintos, habilidades, interesses em contato, reunir-se para trocas sociais e criativas”, aponta o diretor Thiago Arrais. O espetáculo tentará semear em si e no público a ideia de o teatro como espaço democrático, como evento de vida, comprometido com a organização social - material e mítica - de sua cidade. O material de divulgação vai ainda mais além: “Aqui não há representação, mas vivência direta”.

O teatro-rave vem como uma zona de cruzamento de mídias diversas, transformando o teatro-galpão em um terreiro eletrônico, para ritualização da vida. O teatro-rave é a um só tempo um show ensaiado e orientado, mas também aberto às intervenções criativas do público.

O trabalho com os dois autores foi fundamental para essa tentativa de conceituação. “Em Shakespeare, o mundo é teatro. É preciso enxergá-lo com os olhos da consciência, e por ela almejar a Verdade. Já em Müller, a verdade é uma produção histórica semeada em morte, como o próprio tempo. Os tempos morrem”, expõe o diretor.



Novo ponto de encontro

03/07/2009

Jornal O Povo/Vida & Arte (Magela Lima)

<http://www.oktiva.net/oktiva.net/1209/nota/158375>

Com um elenco diversificado, reunindo artistas de diferentes linguagens e não-artistas de diferentes destinos, Thiago Arrais traz Hamlet para as ruas de Fortaleza

Era 2001. Eu, ainda estudante de jornalismo. Ele, com os mesmíssimos vinte e poucos que eu contabilizava, assinava uma coluna de crítica teatral nas páginas deste jornal em que, agora, sou editor. Ali, nada mais que uma pergunta atrevida da minha parte - como assim aquele menino era crítico do jornal O POVO? - e uma resposta rebuscada da parte dele. Thiago Arrais, como se diz, é daquelas pessoas que nasceram aos 30. Por mais que o rosto insistisse em lhe denunciar sinais da juventude, a biblioteca que trazia à ponta da língua sempre lhe garantiu maturidade.

Pois bem. Os anos correram. Em 2006, voltamos a nos encontrar no corre-corre indiferente e estonteante de Copacabana. Estávamos no Rio de Janeiro. Ele cursando a graduação em direção teatral pela UFRJ. Eu penando com um mestrado em teatro na UniRio. Era o que faltava para uma aproximação definitiva. A distância de casa, do sotaque, da disponibilidade cearense, nos fez amigos de longa data, assim logo de cara.

O que não quer dizer, no entanto, que afinidades nos sobrem. Não, não. Elas nos faltam. Há quem pense estarmos em pé de guerra numa reles conversa de mesa de bar. Thiago, um pretenso dionisíaco inveterado. Eu, um arremedo de apolíneo (isso, até a quarta ou quinta cerveja). Assim, fui vê-lo na noite de quarta-feira última, quando da estreia de seu Rãmlet Soul, versão de Hamlet Machine, do alemão Heiner Müller, já uma versão da peça original do inglês William Shakespeare.

De um clássico, Thiago faz um samba-rock-rave do crioulo doido, com o único objetivo de alargar a percepção de que é possível, sim, vencer o isolamento brutal do mundo contemporâneo e retomar o contato que, um dia, nos fez humanos. O diretor, que enfim mostra em casa sua primeira criação, convida a olhar uma cidade de conflitos atuais a partir de uma narrativa eternizada ao longo de séculos. A disputa desenfreada por poder flagrada por Shakespeare autoriza, assim, a realização de uma noitada de festa na Fortaleza (nem tão bela) de hoje.

Rãmlet-Soul tem cenas extremamente bonitas. Logo no início, o personagem título, transcrito como um catador de lixo, procura entre os espectadores um exemplar de Shakespeare. Com o livro à mão, afirma: "Aqui está toda a minha vida". É lindo, porque Shakespeare não pode ser lido como um autor de corte. Ele é um autor da vida e, como tal, cabe muito bem nas ruas de Fortaleza.

Rãmlet Soul tem uma contribuição decisiva. A montagem tem a dimensão de um cartão de apresentação. Ela diz: "Muito prazer, eu sou Thiago Arrais. É esse o teatro em que acredito". Rãmlet Soul vem iluminar um Thiago Arrais não mais pesquisador e militante do teatro, mas, sim, um Thiago Arrais artista. De agora em diante, afastam-se especulações e amenizam-se expectativas. O teatro de Thiago Arrais passa a ser uma realidade concreta para a cena cearense. Espero eu, de vida longa. Aqui, esse teatro aparentemente desconexo de Arrais tem muito ainda a dizer.

O teatro concorre com a vida em Rãmlet Soul

07/07/2009—Portal da Secultfor

[http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?](http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=1&Itemid=52&limit=20&limitstart=660)

[option=com_content&task=blogsection&id=1&Itemid=52&limit=20&limitstart=660](http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=1&Itemid=52&limit=20&limitstart=660)

Uma porrada fortíssima nos sentidos!

É assim que defino a peça teatral Rãmlet Soul, em cartaz no Mocó Studio todas as quintas e sextas feiras do mês de julho.

Para entender essa violência e amplitude do quem se encontra, quem aparece interage com teatro de rua, intervenção cultural, nú artístico, audiovisual, plurisexualismo, terrorismo poético, rock and roll e samba groove ao vivo. Saí de lá orgulhoso em saber quem a cidade possui algo de expressão vanguarda a pleno vapor.

Segundo o release enviado por Ivan timbó, o resumo do colocado se enquadra na expressão teatro-rave, onde a definição é a seguinte; “O Teatro-Rave é a um só tempo um show ensaiado e orientado, mas também aberto às intervenções criativas do público. Temos, aí, o ator como um arauto, sacerdote secular, um agenciador de mídias e pulsões coletivas (dentre as quais, as suas próprias)”.

Apesar da expressão ligada ao segmento de música eletrônica, o que se vê é uma nova forma de se realizar arte, como uma ópera pós-moderna, onde as várias maneiras de expressões artísticas se colidem e entrelaçam. Rãmlet Soul fará você se abrir ao extremo, se concentrar, dramatizar, chorar e até atuar. Ressalva para direção de Tiago Arrais, que comanda e ocupa de forma belíssima os espaços da Praia de Iracema.



Rave no palco

17/07/2009

Diário do Nordeste/Zoeira

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/rave-no-palco-1.300281>

Desconstruir idéias sobre a linguagem teatral. Com esta proposta, o espetáculo 'Râmlet Soul' segue em cartaz às quintas e sextas, no sempre às 21h, no Mocó Estúdio

Apropriando-se de elementos da dramaturgia do inglês Wiliam Shakespeare (1564 -1616) e do alemão Heiner Müller (1929 -1995), 'Râmlet Soul' faz uma releitura do personagem Hamlet e dá nova roupagem ao mito criado por Shakespeare, a partir da junção do texto original do dramaturgo inglês e do texto de Heiner Müller, 'Hamlet Máquina' (1979).

O interessante é que 'Râmlet Soul' leva aos palcos (ou galpões) um espetáculo repleto de improvisos, onde atores, banda de música e artistas multimídia provocam uma intensa participação do público.

A partir da poética de integração das mídias, o teatro se apresenta como ponto de convergência do pensamento festivo da cidade. Também revela-se o epicentro do encontro de público diversificado, interessado por mídias diversas que se entrecruzam. Aliás, público mais amplo do que o que costuma frequentar as salas de teatro.

Festa no palco

O que pode parecer uma espécie de jam session, na verdade é rave teatral, como os produtores gostam de chamar. Segundo o diretor Thiago Arrais, no espetáculo há representação e mais vivência direta.

"Râmlet Soul reforça a necessidade de Fortaleza apropriar-se de sua própria mítica, como espaço urbano repleto de contradições; marcado por uma forte carga cultural ancestral em contraponto com a atualidade", afirma Arrais.



Let the Soul Rãm

22/07/2009

Blog Comida Dramática (Chico Paiva)

<http://comidadramatica.blogspot.com.br/2009/07/let-soul-run.html>

Já pensou em morrer esta noite? Em uma rua qualquer inicia-se um outro tipo de jogo. Há algo de podre no reino da Nova Lusitânia, especialmente na Terra da Luz, hoje banhada de noites chuvosas e de um frio que alcança partes vulneráveis do pescoço e punhos.

Rãmlet atormentado desde sempre, sufocado em sua indecisão, renasce em solo iracemamericano, evocando as raízes primitivas do teatro e todas aquelas coisas que acontecem mas que ainda não sabemos ao certo os mecanismos, a que chamamos vulgarmente de novidades. Diferente do nosso ceguinho querido, o Édipo, que faz cumprir seu desastroso destino inconscientemente, Hamlet possui um complexo que necessariamente passa pela sua consciência, seu tormento vem à tona a cada instante, seu universo de dúvidas.

Não é somente a questão de ser ou não ser, mas outra coisa, outra possibilidade de existência. Homem? Máquina? Mulher? Não é vida ou morte que está em jogo, mas uma existência insuportável inspirada em atores cheios de alma própria que ganham vida e morrem, fecham seu ciclo em apenas algumas horas, que se perpetuam em espírito, visitam nossos espelhos para lembrar a existência de algo mais.

Personagens que habitam dentro da intimidade devassada de cada ator, a música que flui e é recebida pelo corpo inteiro, e como um rio que deságua no mar, desaguamos em uma infinidade de sensações, apesar do medo de mergulhar na aparente insensatez dessa vida dramática e mostrarmos além do necessário, mesmo uma ponta do que queremos esconder ou simplesmente não mostrar.

Se o espetáculo é bom? Acho que não. Se você quiser ver uma coisa boa, assista ao Teleton ou ao Criança Esperança. Isso aqui é teatro festa, enfim, coisa de maluco, de gente que vai além, que tem como ofício lúdico trazer o caos e a desordem. E nós que organizemos ou não esta bagunça, ou mesmo que empurremos pra debaixo do tapete, depende de cada um de nós. Às vezes precisamos usar alguns artifícios amarrados ao pescoço ou lançados aos punhos para encontrarmos nosso caminho de volta à vida.

Contradição? Paradoxo? É... assim como nossos desejos e ações, assim como a vida. Talvez pensar em morte, encenar o fim, não seja algo tão medonho assim. Deixemos nossas almas correrem, embarquemos em "Rãmlet Soul" e em tudo que nossa vã filosofia desconhece e permanece espremido entre o céu e a terra. Afinal, navegar é preciso, viver não é preciso.



Dormir, talvez sonhar

24/07/2009

Blog (Danilo Castro)

<http://odanilocastro.blogspot.com.br/2009/07/dormir-talvez-sonhar.html>

Precisamos enlouquecer qualquer noite dessas. Esquecer um pouco do mundo e viver tudo de peito aberto, sem medo da repressão. Ser ou não Shakespeare? Trazer não uma representação da poesia, mas a própria vida, que, quando exposta de maneira absoluta e extraordinária, pode tornar o cotidiano espetacular. Misturar o "irreal" à luz da verdade é confundir a percepção do mero apreciador ou protagonista involuntário? Mas onde está o teatro? O que é a vida? Que manifesto é esse? Isso é performance? Não importa. Tudo é loucura, transgressão. Nós somos assim, mas é preciso que se chegue ao nirvana para extravasar e perceber isso. O Hamlet desalmado deu lugar ao Râmlet Soul. Fortaleza tem um marco nas artes cênicas. Basta passar às 21 horas à Rua José Avelino, 563, misturar-se à algazarra "improvisada" e se deixar contaminar pelo ritual selvagem em favor da vida.



Além do vídeo e do palco

27/03/2010

Diário do Nordeste/Caderno 3 (Henrique Nunes)

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/alem-do-video-e-do-palco-1.40587>

Os diretores Herê Aquino e Thiago Arrais são alguns dos que apostam na modificação do teatro cearense, na modificação da própria forma como a linguagem é apresentada, na criação de novos espaços de diálogo com o público e de novos usos para as tecnologias disponíveis. "O uso das tecnologias ainda é incipiente, mas acho que já está existindo alguma inquietação neste sentido. Estamos procurando dialogar com outras interfaces, outras mídias, até para implodir o lugar supostamente sagrado do ator no palco e ampliar a expressão do teatro. Aos poucos, o teatro cearense vai vendo que há o que comunicar, mas é preciso que saibamos como comunicar. Então, não é algo recorrente, o teatro ainda é uma escola artesanal, focada mesmo na atuação, na relação do ator com o palco e o público. Mas sinto que já há uma abertura para outras possibilidades", diz Thiago.

Ele é confiante de que o atual teatro cearense tem buscado mais a realidade, em sua multiplicidade de experiências e de formas em que a arte pode convergir e ser transmitida. As tecnologias têm sido absorvidas, alega, por um desejo de estar mais vinculado ao nosso tempo.

Discurso e divulgação

Prestes a estrear "Nossa Cidade" (adaptação do clássico texto-norte-americano de Thornton Wilder), após ter experimentado o uso de tecnologias em seu mais "Estética da Fome" espetáculo "Râmlet Soul" (montado em 2009, ele volta ao cartaz em 12 de maio, no Porão do TJA), Thiago Arrais ressalta o diálogo promovido entre o grupo Bagaceira e o cineasta Armando Praça, como momento de superação deste traço meramente promocional e de interferência de linguagens. "O artista do teatro cearense tem muita atualização com o que está acontecendo. Por isso circulam no Brasil inteiro. Não há mais defasagem".

Thiago pretende mostrar sua aproximação da tecnologia com a cidade em "Nossa Cidade", previsto para estrear no segundo semestre. Inclusive como forma de mobilização da cidade, algo que ele e mais de outros 20 diretores e grupos da cidade promovem através do movimento Todo Teatro é Político, que vem buscando formas de dinamizar o teatro cearense. Novas visões para um teatro que não pode parar. No tempo ou nas mídias.



A violência em cena

28/05/2010

Diário do Nordeste/Caderno 3 (Dawton Moura)

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-violencia-em-cena-1.242597>

Atores da peça *Râmlet Soul*, encenada esta semana no TJA e nas proximidades do espaço, denunciaram ter sido agredidos por policiais durante o espetáculo.

No movimento da praça, ao cair da noite, a realidade invade a cena. Defendendo a proposta de estender à praça o espaço cênico habitualmente contido entre as paredes do teatro, procurando instigar novas leituras quanto a ambos os cenários, atores denunciaram ter sido confrontados com a (dura) verdade das ruas.

Segundo o diretor do espetáculo, Thiago Arrais, em depoimento encaminhado ao Caderno 3, os artistas sofreram violência física e verbal, durante a apresentação de terça, na praça. "Inicialmente, os PMs abordaram os atores de modo truculento, abusivo e confrontador, alegando que não podiam estar na rua, interpretando seus papéis de michês, apenas de toalha, o que configuraria 'atentado ao pudor'", conta o dramaturgo, ressaltando que nas apresentações anteriores no próprio entorno do Theatro José de Alencar e no Mocó Estúdio, na Praia de Iracema, nenhum problema do tipo foi registrado.

Arrais destacou a reação que teria sido despertada nos policiais pelos atores que interpretavam michês. Porém, segundo o diretor, estavam claros os limites entre interpretação e realidade.

"Havia um incômodo de ordem moral, algo nesse sentido, porque os autores estavam de toalha, numa postura de deboche típica do papel que estavam cumprindo ali, aquela coisa do michê, na rua...", ressalta. "Mas aqueles policiais que agrediram já acompanhavam a temporada, já sabiam o que se passava na peça. Estava muito claro que aquilo ali era teatro".

TJA: peças vão continuar

Lamentando os acontecimentos da última terça-feira, mas situando-os em um contexto maior, de "um cenário de vulnerabilidade vivido em toda a cidade", a diretora do Theatro José de Alencar, Izabel Gurgel, promete dar sequência aos espetáculos que utilizam o espaço externo ao equipamento, principal palco das artes cênicas cearenses. "Vamos intensificar essas ações que a gente vem fazendo pra ocupar e cuidar do entorno do teatro, ocupar artisticamente a praça. Agora, a gente reafirma ainda mais essa necessidade", diz Izabel.



Os mitos e as ruas

14/09/2012

Jornal O Povo/Vida & Arte (Pedro Rocha)

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/09/14/noticiasjornalvidaearte,2919133/os-mitos-e-as-ruas.shtml>

Diretor do ousado e polêmico Rånlet Soul volta às ruas do Centro de Fortaleza, agora com uma peça que percorre diferentes espaços e personagens da Cidade para contar uma história mítica da capital cearense.

A estreia do espetáculo Nossa Cidade será amanhã, às 20 horas, no Passeio Público, com cerca de 30 pessoas envolvidas na produção e um público imprevisível. Aberta à Cidade literalmente, a montagem partirá do Passeio, fará parada na Praça da Estação e se encerrará no cemitério São João Batista, depois de aproximadamente três horas de duração - ao longo das quais, é encenada uma história mítica de Fortaleza.

“Ela é uma ficção, de certa forma é até um delírio sobre Fortaleza, mas é toda em cima do que a gente está chamando de mitos da Cidade. Por exemplo, nós damos (aos personagens) os nomes de figuras reais, não há uma figura ficcional, a gente aborda acontecimentos reais da Cidade. Agora, evidentemente, não é uma peça histórica, no sentido oficial ou mesmo memorial. É uma peça transhistórica”, explica o diretor Thiago Arrais.

O delírio ao qual Arrais se refere é o de juntar numa mesma peça personagens como Vicente Pinzón, Bárbara de Alencar, Bode Ioiô, Orson Welles, Zé Tatá, Ednardo, Fagner, Tasso Jereissati, Maria Luiza Fontenelle, Luizianne Lins, Cid Gomes, Ricardo Guilherme, Carlos Emílio Corrêa Lima e Jonnata Doll.

Dos personagens da fundação da Cidade, até as mais recentes figuras políticas e artísticas, a peça confundirá a história passada de Fortaleza com sua fisionomia contemporânea. Inspirada no texto *Our Town*, do dramaturgo americano Thornton Wilder, será encenada em três atos, cada qual ancorado num dos três lugares do percurso - interligados, sem intervalos, pela dramaturgia.

“A ideia da gente é recuperar um pouco o sentido meio físico que está na origem do próprio ato teatral. Se a gente observar os primórdios do teatro, vai perceber que ele era, ao contrário do que acontece hoje, um evento geral, global, destinado à toda a pólis, à toda a comunidade. E o que se colava em cena eram os problemas da própria Cidade”, fala.



Artistas do Coletivo Soul estão de volta às ruas

14/09/2012—Diário do Nordeste/Caderno 3

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/artistas-do-coletivo-soul-estao-de-volta-as-ruas-1.618984>

Aclamados pela polêmica montagem *Râmlet Soul*, o coletivo estreia a peça "Nossa Cidade"

O Coletivo Soul reúne 30 artistas de diversas linguagens em torno do espetáculo.

Renovados, eles estão de volta ao Centro da Cidade. Na manga, uma nova montagem onde a própria Capital é personagem, ponto de encontro e fio condutor da história. "Nossa Cidade - Uma peça para acampamento" estreia amanhã, a partir das 20 horas, e traz de volta o Coletivo Soul em uma encenação itinerante que começa no Passeio Público, segue rumo à praça da Estação João Felipe e encerra no Cemitério São João Batista. Uma travessia teatral de três horas de duração que mistura um corpo cênico de 30 artistas, de múltiplas linguagens, o público e os desavisados do meio do caminho.

Esta é a primeira montagem do grupo após a provocante "*Râmlet Soul*", peça que estreou em 2009 e, em 2010, ganhou reedição nos porões do Teatro José de Alencar - enquadrada pelos criadores como uma "rave teatral" ou o "teatro-festa"; e na Praça José de Alencar, em frente ao Theatro, onde gerou polêmica pela ousadia de trabalhar com atores travestidos e outros vestindo apenas toalhas. Na ocasião, o grupo chegou a sofrer agressões físicas e verbais de transeuntes e policiais militares da praça.

O novo espetáculo, diferente do anterior, que também utilizava espaços fechados, foi pensado exclusivamente para ocupar a Cidade. Um espetáculo-evento festivo e cultural, compara Thiago Arrais, diretor do espetáculo. "A própria estética em formato de cortejo, desfile, traz essa ideia festiva de ocupação", argumenta. Daí, o subtítulo "uma peça para acampamento", relacionando a ocupação do Centro pelos artistas e pelo público aos acampamentos de ativistas sociais e culturais. A medida que a cena se desenvolve, os atores se misturam ao público e às intervenções de outros artistas, com músicos, realizadores audiovisuais, etc.

A ideia, detalha Thiago, é instigar um reflexão da comunidade sobre si mesma, recriando no Centro um clima de acampamento, no sentido de ocupação política de um espaço. "Se esse território está ignorado, então, que a gente ocupe, acampe, marque território.



O corpo-a-corpo com a cidade

14/09/2012

Jornal O Povo/Vida & Arte

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/09/14/noticiasjornalvidaearte,2919156/o-corpo-a-corpo-com-a-cidade.shtml>

Em 2010, a adaptação livre de um clássico de William Shakespeare por atores cearenses ousou sair das dependências do Theatro José de Alencar e ganhar a praça homônima em frente. Numa dessas encenações, gerou tumulto ao ferir os pudores de alguns espectadores e da polícia, que dispersou os artistas na base do cassetete.

Da experiência de Râmlet Soul, ao contrário do possível desânimo, surgiu o Coletivo Soul, responsável pela montagem agora de Nossa Cidade, espetáculo ainda mais radical na relação com a cidade e sua história.

“O incidente da polícia só nos encorajou, não fez a gente de jeito nenhum achar que estaria num caminho errado”, avalia Thiago Arrais.

O diretor faz questão de esclarecer que provocar a polícia não é o objetivo, “mas a gente não suaviza nada, faz aquilo que acredita ,que tem que fazer e na intensidade que tem que fazer”.

Policiais, por sinal, segundo Arrais, farão a segurança do espetáculo. As ruas do trajeto entre Passeio Público, Praça da Estação e Cemitério São João Batista serão interditadas pela AMC. Além disso, a Coelce permitiu que a produção fizesse alterações na iluminação pública de lugares que servirão como espaços cênicos.

Projeções de vídeo, a participação da Brava Banda (banda marcial do José Walter) e de músicos do coletivo que farão a trilha sonora do espetáculo ao vivo também devem fazer do espetáculo um acontecimento inusitado na noite do Centro. É provável ainda que as próximas apresentações depois da estreia terminem com uma festa na Estação Ferroviária Dr. João Felipe.



©Victor Augusto

Espetáculo para se (vi)ver

09/10/2012

Jornal O Povo/Vida & Arte

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2012/10/09/noticiasjornalvidaarte,2933583/espetaculo-para-se-vi-ver.shtml>

Vivemos tempos onde se faz cada vez mais necessário discutir a Cidade, não só pelo período eleitoral ou nossas mazelas rotineiras, mas também pelo debate que os movimentos culturais organizados em Fortaleza propuseram nos últimos meses. Uma efervescência inquietante tem tomado conta dos nossos coletivos artísticos e as produções se posicionam mais firmes na cena da Cidade. Se hoje a pluralidade artística lampeja mais evidente em Fortaleza, não é simplesmente porque está havendo uma ascensão cultural natural, mas porque, num ato de desespero, a cultura quer sobreviver, mostrando suas fortalezas muitas vezes invisibilizadas.

Em todos os tempos, sempre haverá necessidade de termos a Cidade como mote nos seus fluxos e contrastes. O Nossa Cidade, novo espetáculo do Coletivo Soul, é uma ode à experiência de viver Fortaleza com outros olhos, daqueles que não são empedrados pelo cotidiano. Ver um cortejo de quase duzentas pessoas invadindo a noite pacata e suburbana no Centro de Fortaleza, ver cidadãos sujos – sim, cidadãos - cheirando cola, prostitutas sorridentes, homens bêbados saindo de bordéis, vira-latas no seu duro ofício, espectadores celebrando o evento com vinho, e me ver no meio disso tudo, isso sim é o espetáculo.

Precisamos nos arriscar mais, porque colocar-se em risco diante da sensação de insegurança é a melhor forma de confrontá-la abruptamente. É de fato revitalizar o Centro e se deparar com as suas memórias, que são preenchidas pela massa de curiosos peregrinos. O espetáculo caminha do Passeio Público, passando pela Praça da Estação, até chegar ao cemitério São João Batista. A “peça para acampamentos” reconstrói o clássico Our Town, do norte-americano Thornton Wilder.



Frases do “poema ilimitado”

21/09/2013

Diário do Nordeste/Caderno 3 (Mayara de Araujo)

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/frases-do-poema-ilimitado-1.439068>

Com direção de Thiago Arrais, Coletivo Soul apresenta um novo Hamlet, com direito a pôr do sol no Estoril

Em 2009, o Coletivo Soul levava à Praia de Iracema o que chamaria de "teatro festa" ou mesmo "teatro rave". Uma mistura de teatro, música, dança e audiovisual. Como argumento conceitual, a "fertinha" consistia em uma tentativa de contrapor o "Hamlet Machine" do dramaturgo alemão Heiner Muller, pensando, desta vez, um Hamlet de carne e osso, de alma. Cerca de quatro anos depois, o coletivo volta a uma das narrativas mais consagradas de Shakespeare, montando "Hamlet: solo", que estreou no último dia 14 e permanece em cartaz no Estoril por todos os fins de semana de setembro e outubro.

Hamlet: Solo marca a estreia de espetáculos de teatro no restaurado Estoril, na Praia de Iracema

Síntese

Questionado sobre o retorno a esta obra específica de Shakespeare, apesar de já a ter interpretado, Thiago reforça: "Se quiséssemos passar o resto da vida fazendo Hamlet, conseguiríamos. Por que é um texto que pode, definitivamente, ser encenado um sem número de vezes. Pode-se fazer Hamlet sob uma perspectiva política, religiosa; pode-se discutir sobre o próprio teatro, sobre cultura, história... Por isso o próprio Shakespeare o define como um ‘poema ilimitado’", detalha o diretor.

Segundo a descrição de Arrais, tudo no novo espetáculo aponta para a ideia de essência, de retorno ao básico. Bem diferente de seu Rãmler Soul, o solo é enxuto, discreto, ensimesmado. Abre mão de muitos recursos que poderiam até facilitar a execução da montagem. Só não dispensa a música, presente em forma de piano, que permanece em cena durante toda a montagem. "Queríamos montar um novo Hamlet, mas uma versão menos conhecida, pouco montada. Pois isso, optamos pelo Primeiro Quarto em vez do Folio, que é a versão mais popular. Saímos de um espetáculo de rua, de festa, e partimos para um com uma capacidade de público pequena, que exige um contato muito aproximado com o espectador. É uma experiência muito rica para nós", afirma Arrais.



Hamlet: teatro infinito

03/10/2013

Jornal O Povo/Vida & Arte (Elisa Parente)

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2013/10/03/noticiasjornalvidaearte,3139974/hamlet-teatro-infinito.shtml>

Segunda parte de uma trilogia sobre o clássico de Shakespeare, Hamlet: Solo leva ao Estoril uma montagem arrojada, que transforma a poesia do dramaturgo britânico em "poesia do corpo"

Durante os sábados e domingos deste mês, o espetáculo teatral Hamlet: Solo ocupa a sala superior do Estoril, na Praia de Iracema. Novo trabalho do Coletivo Soul, com direção de Thiago Arrais, a peça é a segunda parte de uma trilogia que teve início com Rãmlet Soul, em 2009; e encerra com a montagem de Ronsencrantz & Guildenstern Estão Mortos, ainda em estágio embrionário e com previsão de estreia em 2014.

Diferente das realizações anteriores da companhia, Hamlet: Solo é um trabalho mais intimista, com menos elementos cênicos, menos falas e que exige de seus atores um trabalho corporal mais elaborado. Preparada durante sete meses, a peça é baseada numa versão de Hamlet pouco conhecida do público e que leva três horas de duração. Como explica o diretor, a intenção era fugir de uma encenação verborrágica, "transformando a poesia do Shakespeare em poesia de corpo".

"Num primeiro momento, com Rãmlet Soul, me interessava mais a destruição do mito, do Hamlet como arquétipo da construção humana, trazia uma discussão mais política da obra. A montagem Hamlet: Solo foi motivada por outro sentimento, que é essa relação mais claustrofóbica, mais fechada em si mesma, subjetiva, que enxerga muitos lados possíveis da vida", explica Thiago Arraes, que considera este seu reencontro com as convenções teatrais das quais buscou fugir em trabalhos como o Nossa Cidade - uma peça para acampamentos, de 2012, encenada nas ruas de Fortaleza.

Hamlet: Solo é um espetáculo visceral. A qualidade, a entrega e a disposição dos atores são envolventes. A peça consegue ser ainda mais avassaladora que Rãmlet Soul, a primeira da trilogia. O público não poderia estar mais imerso no ambiente cênico. A banheira, único elemento cenográfico - que permanece instável ao centro da sala -, reúne os personagens para a cena final, uma das mais bonitas, onde Hamlet devaneia entre o "ser e o não ser". Pode ser desconfortável para alguns sentar sobre colchonetes durante três horas, mas o espectador é encorajado a participar da peça. Vale conferir.



As verdades do teatro e outras mentiras

01/07/2009-O Povo/Imagem & Movimento (Danilo Castro)

<http://www.opovo.com.br/app/colunas/imagememovimento/2013/10/16/noticiasimagememovimento,3147058/as-verdades-do-teatro-e-outras-mentiras.shtml>

Em cartaz no Estoril, na Praia de Iracema, o Coletivo Soul leva à cena uma versão de Hamlet que goza do teatro, mesclando fluxos de vida dos atores ao clássico shakespeariano

Queridos Hamlets,

Venho percebendo cada vez mais que minhas cartas-críticas têm resultado numa relação mais íntima entre apreciador e apreciado. Têm se tornado, ou tentado se tornar, uma experiência mútua, como quando de fato vivemos um acontecimento teatral. Criticar para além dos moldes tradicionais da crítica de arte me parece oportuno diante da coisa Hamlet: Solo de vocês, em cartaz no nosso saudoso Estoril. A Praia de Iracema das décadas que beiraram o meu nascimento deve ressurgir vívida durante o coito-cênico que vocês celebram conosco a cada apresentação. O espaço já carrega consigo sua áurea e vê-los penetrando-o como água em esponja é, no mínimo, prazeroso.

A obra de vocês transborda as convenções rígidas que outrora criaram para o teatro. É bonito ver que os fluxos de vidas de vocês se engendram ao clássico shakespeariano. Tanto que meus olhos brilharam quando os vi gracejando com a realidade, quando os vi rompendo com a dramaturgia do Príncipe da Dinamarca para enxertarem em cena a dramaturgia farsesca da vida de vocês. Quando vi o diretor (Thiago Arrais) invadir o tablado e confrontar um dos atores (Bruno Lobo). Ou quando os vi dessacralizando as verdades que dizem que o teatro tem. Para isso, nada melhor que o “XucaBoy - Catch Boo Quete” na boca do Lobo. Hamlets, vocês se mostram tão gozadores que não sei se a dor que fingem deveras sentem – que bom.

Hamlets, vocês não estão sozinhos como o protagonista medieval, mesmo que ele se cubra de água e feixes de luz numa banheira que por pouco não se tingiu de sangue jorrando de pulsos. Hamlets, eu os vi tão coesos que pareciam um só.



Ver que é também tocar

22/09/2013

Blog Visualizei (Robson Levy)

<http://visualizei.blogspot.com.br/>

Recentemente, assisti uma fala do dramaturgo carioca Roberto Alvim em que ele dizia que não fazia mais sentido montar Hamlet, pois precisaríamos romper com o teatro que se volta para o sujeito e suas tramas neuróticas. Ele conclamava, em um discurso bastante reacionário, que o teatro precisaria ser um local uno e que a saída estaria em provocar furos na linguagem. Minha cabeça deu uma volta e saí da palestra em estado de reflexão.

Não existe o jeito certo de fazer teatro. O que existem são as possibilidades, graças. Elas foram sendo construídas ao longo da história e o que temos hoje são diversas referências, teóricos e formas que já foram levantadas. Roberto defendia a criação do novo. E o que seria o novo? Seriam os tais buracos na linguagem? Será que já não vivemos em mundo onde os buracos já estão presentes? Seria realmente necessário forjá-los?

E então assisto uma montagem de Hamlet um tempo depois de ouvir Roberto. Hamlet: solo, com direção de Thiago Arrais.

Para a apresentação: o Estoril, um espaço histórico da cidade de Fortaleza. Fica na Praia de Iracema e é lindo. Eles não usam o Estoril como Estoril. Eles usam o Estoril como outra coisa. Eles inserem outro signo ao espaço. Escolheram uma salona lá em cima. Os espectadores ficam sentados e a ação se dá em um dos cômodos do espaço. Com as portas fechadas. E um Hamlet desnudo, em uma banheira branca. Visivelmente perturbado. Há um desrespeito com o texto, um desrespeito necessário, um desrespeito positivo. É importante acabar com Hamlet, pois ele é uma obra-prima e é importante, importante, importante desrespeitar a obra-prima. Os atores estão lá. Entram e fecham as portas. No meio da peça, o diretor briga com um ator, pede respeito ao texto, respeito com a obra, respeito com o teatro. Esse valor ao texto em uma peça metalinguística que se questiona o tempo inteiro sobre si. E ao invés de Hamlet se questionar, nós temos um teatro-Hamlet que se questiona enquanto linguagem. Em um teatro-Hamlet que se provoca. Onde a própria barreira do real/fictício é questionada.



Grandes parceiros falam sobre o Coletivo Soul



“É um privilégio assistir a este espetáculo”
(Grace Passô, encenadora mineira, a respeito de Hamlet: Solo)

“Espetáculo com imagens muito potentes. Parabéns!”
(Leonardo Moreira, dramaturgo e diretor da Cia. Hiato, de São Paulo, a respeito de Hamlet: Solo)



“(...) me interessa muito essa relação cena-música e as possibilidades do trabalho do grupo”
(Arrigo Barnabé, músico e ator paranaense, a respeito de Hamlet: Solo)



“Trabalho maduro, cosmopolita. Direção com um pensamento sólido. É algo que não conheço, está além de São Paulo”

(Juliana Galdino, atriz e diretora da Cia. Club Noir, a respeito de ‘Ros & Guil estão mortos’, em processo de montagem)



“Vocês conseguem uma atmosfera realmente envolvente, me interessa muito essa relação de proximidade com o espectador. Por outro lado, a história é contada perfeitamente. Pode-se acompanhar a história mesmo sem falar português. É maravilhosa a entrega física dos atores à sua concepção cênica que é tão criativa. Eles estão dando tudo e estão altamente comprometidos com o que fazem!”

(Guillermo Cacace, encenador argentino, sobre Hamlet: Solo)

HAMLET SOLO



Caroline Louise

Espectáculo forte e lindo! Parabéns pelo trabalho, Thiago e todos que compõem o Hamlet Solo.

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 23 de setembro às 09:41 via celular



Edivaldo Ferrer

20 de outubro

Boquiaberto, boquiaberto, boquiaberto até agora. O espetáculo Hamlet Solo, me prendeu naquela sala por alguns minutos, que lá fora, perderam-se em horas. Parabéns Bruno Lobo, Marcos Brunos, Joyce Custódio, Evan Teixeira, Thiago Arrais e o outros que fazem parte desse lindo trabalho.



Vanessia Gomes Parabéns pelo belo trabalho. A dedicação deste coletivo ao fazer teatral merece muitos aplausos. Foi muito bom ter ido ver vcs. bjssss

30 de outubro às 12:26 · Curtir · 2



Sara Rebeca CLima eu também fiquei muito feliz em ter podido prestigiar na primeira sessão de sábado. Acabou virando "primeira sessão", devido a decisão do grupo em se apresentar novamente com segunda sessão. Carlos Alves (Cristiano) e eu compartilhamos de um sábado ainda mais lindo. Tudo de especial Coletivo Soul!!!

14 de outubro às 10:14 · Curtir · 2



Thiberio Fonseca Foi muito bom aproveitar o pôr do sol e estar na primeira seção do sábado. Realmente um ótimo espetáculo!

14 de outubro às 02:07 · Curtir · 4

HAMLET SOLO



Juliana Veras Amei. Me conectei. Estive lá. Fui. Morri, etc. Senti presença, senti alguma falta, dor nas costas, dor na alma. 😊
Fiquei com ódio de Hamlet, o cara (isso nunca tinha sentido assim antes, senti tesão, compaixão, pena, nojo, cumplicidade, tanta coisa, mas ódio, pelo menos assim, nunca rsrs), Shakespeare que se revire e me visite pra gente tomar um café. Obrigada, meninos. Muito massa. Evoé.

30 de outubro às 09:06 · Curtir · 5



JoTacilio MarTins Que teatro é esse, God!??? Merda! Sempre!

30 de outubro às 01:50 · Curtir · 4



Wisley Nunes de Vasconcelos Que venha as próximas temporadas quero novamente viajar na musicalidade e nas tormentas do cara lá "Hamlet" ! Parabéns elenco e direção !

30 de outubro às 18:27 via celular · Curtir · 2



Ivens Ranor

Só tenho a dizer que minha noite foi intensa.
Muito desconforto... Mas foi um desconforto poético, desconforto de alma, necessário dentro do contexto direcionado.
Hamlet: Solo - Um insano que atormenta e é atormentado.
Um infeliz e triste.
Calunias, irônias, rancor, desejos, cobriças, ...
Hamlet: Solo - Atemporal, pós moderno, contemporâneo, musical, vintage, surreal, metafórico, carnal, embriagante.
Eu particularmente não me sinto confortável com textos clássicos, mas a qualidade ofertada superou e me fez em momentos até tirar um pouco o foco da obra "Shakespeareana" me remetendo a algo realmente autoral.

Evoé! Avante! — com Thiago Arrais e outras 6 pessoas.

Curtir (desfazer) · Comentar · Seguir publicação · 21 de outubro às 00:54



Lúcio Flávio Gondim

Que arraso, meu povo! Precisamos mais disso... Vão e voltem logo.

Curtir · Comentar · Seguir publicação · 27 de outubro às 23:52 via celular

HAMLET SOLO



"Espetáculo lindo, com jovens e belos atores que emocionam com seu Hamlet...realmente com seu final...Emocionante...".
(Lima Filho).

"Hamlet: O melhor Espetáculo visto em 2013. Belas imagens...atores soberbos, uma direção suprema!!!!".
(Edson Cândido)



"Achei a peça sensacional, mexeu bastante comigo. E fiquei com muita vontade de ir outra vez. Não me lembro a última vez que senti isso por uma peça".
(Guto Parente).

"Espetáculo com uma extrema sanidade poética, sem palavras, só indo assistir mesmo!"
(Janaina Mar-Quês).



"A peça é foda! Vale muito a pena! Uma experiência forte, intensa e emocionante. Os atores estão muito bons! Adorei! vou querer ver de novo".
(Pedro Diogenes).